



Revista Brasileira de História de
Educação

E-ISSN: 2238-0094

rbhe.sbhe@gmail.com

Sociedade Brasileira de História da
Educação
Brasil

Ribeiro Setubal, Flávia Meneguelli; Martins Rebouças, Moema Lúcia
Quadrinhos e educação: uma relação complexa
Revista Brasileira de História de Educação, vol. 15, núm. 1, enero-abril, 2015, pp. 302-
334
Sociedade Brasileira de História da Educação
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576161034002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Quadrinhos e educação: uma relação complexa

Flávia Meneguelli Ribeiro Setubal^{*}
Moema Lúcia Martins Rebouças^{**}

Resumo

O objetivo deste artigo é desenvolver uma pesquisa bibliográfica, explicitando os principais fatos históricos que permeiam o surgimento e desenvolvimento das histórias em quadrinhos (HQ), no Brasil e no mundo, propondo um cruzamento dessas informações com períodos específicos da história da educação brasileira, a fim de compreender como se deu o relacionamento entre ambos. Os resultados da análise revelam que, apesar de ter acompanhado o mundo, em seu nascimento, o desenvolvimento das HQ no Brasil se deu tardiamente em relação à Europa, no que se refere à chegada dos quadrinhos ao ambiente acadêmico e escolar, com iniciativas mais significativas, principalmente relacionadas às políticas públicas, apenas nos anos 1990 e 2000.

Palavras-chave:

Quadrinhos. Educação. História. Mídia. Escola.

* Publicitária, Mestre em Administração e Doutoranda em Educação pela UFES, é professora de marketing do Curso de Administração da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES.

** Artista Plástica, Mestre em Educação e Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000). Professor associado III da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Comics and education: a complex relationship

Flávia Meneguelli Ribeiro Setubal

Moema Lúcia Martins Rebouças

Abstract

The purpose of this paper is to develop a literature search in order to explain the principal historic facts that permeate the emergence and development of comic books (comics), in Brazil and in the world, proposing to cross this information with specific periods in the history of Brazilian education in order to understand how it was the relationship between them. The analysis results show that, despite having followed the world at its birth, the development of comic books in Brazil occurred late in relation to Europe, with regard to the arrival of the comics to the academic and school environment, with more significant initiatives, mainly related to public policies, only in the 90s and 2000.

Keywords:

Comics. Education. History. Media. School.

El cómic y la educación: una relación compleja

Flávia Meneguelli Ribeiro Setubal

Moema Lúcia Martins Rebouças

Resumen

El propósito de este artículo es desarrollar una literatura explicando los principales hechos históricos que participan de la aparición y desarrollo de los cómics, en Brasil y en el mundo, proponiendo cruzar estas informaciones con periodos específicos de la historia de la educación brasileña, con el fin de entender cómo ocurrió la relación entre ellos. Los resultados del análisis muestran que, a pesar de haber acompañado el mundo, en su nacimiento, el desarrollo de los cómics en Brasil sucedió tardíamente, en relación a Europa, en cuanto a la llegada de los cómics al ambiente académico y escolar, con iniciativas más importantes, especialmente las relacionadas a las políticas públicas, sólo en los años 90 y 2000.

Palabras clave:

Cómic. Educación. Historia. Medios de comunicación. Escuela.

Introdução

A relação existente entre educação e história em quadrinhos (HQ), no século XXI, nem sempre foi amistosa. Desde a primeira publicação de quadrinhos, nos meios americanos de comunicação de massa, no final do século XIX, muitos caminhos tiveram que ser percorridos para que artistas da área, bem como suas histórias, alcançassem o reconhecimento e apreciação por que lutavam. Metade do século XX foi marcada por um clima de preconceito e perseguição às HQ, sendo inadmissível sua entrada (até como forma de entretenimento) na escola e, muito menos, sua utilização em sala de aula. Apesar das grandes mudanças ocorridas nesse painel, a relação de ‘amizade’ entre educação e HQ ainda não conquistou o status de ‘amor’ tão desejado por autores, editores, educadores e pesquisadores da área. Entretanto, acontecimentos recentes indicam que falta pouco para que isso ocorra.

Nesse contexto, o objetivo do artigo é desenvolver uma pesquisa bibliográfica, explicitando os principais fatos históricos que permeiam o surgimento e desenvolvimento das histórias em quadrinhos (HQ), no Brasil e no mundo, propondo um cruzamento dessas informações com períodos específicos da história da educação brasileira, a fim de compreender como se deu o relacionamento entre ambos, ou seja, como a HQ chegou à escola ou foi utilizada com fins educacionais.

Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica composta por livros e artigos relacionados ao tema, a fim de se levantar seus principais autores e obras. Muitas referências sobre HQ datam das décadas de 1970 e 1980 e só puderam ser encontradas em sebos, por estarem com suas edições esgotadas. Na lista de autores pesquisados, constam Álvaro de Moya, professor aposentado da Universidade de São Paulo - USP, jornalista, escritor, produtor, ilustrador e diretor de cinema e televisão - considerado um dos grandes especialistas em HQ do Brasil, tendo participado ativamente de movimentos importantes para o reconhecimento dos quadrinhos; Sonia Luyten, professora e pesquisadora das HQ, especialista em ‘Mangás’, no Brasil; Waldomiro Vergueiro, bibliotecário e professor da Escola de Comunicação e Artes da USP, fundador e coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos - OHQ; Moacyr Cirne, poeta, artista visual e professor aposentado do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, considerado um dos principais estudiosos brasileiros das HQ, dentre outros.

Em relação aos estudos sobre a história da educação, foram utilizadas obras de leitura obrigatória desse campo de pesquisa, como História da Organização do Trabalho Escolar e do Currículo no Século XX, de Rosa Fátima de Souza (2008); O Legado Educacional do Século XX no Brasil, de Demerval Saviani (SAVIANI et al., 2006b) e outros autores, bem como foram consultados documentos elaborados pelo Ministério da Educação (MEC), como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, 1998, 1998b) e o Programa Nacional Biblioteca na Escola (BAHIA, 2012).

A relevância da pesquisa se dá pela relação da HQ, compreendida no gênero da literatura infanto-juvenil, com o campo da educação, entendendo os quadrinhos como mecanismo de disseminação de valores, condutas e comportamentos próprios da sociedade vigente. Segundo Rosemberg (1984), as reflexões sobre o conteúdo da literatura infanto-juvenil colocam como foco de atenção o impacto do material impresso sobre o jovem leitor. A autora questiona o significado da existência de um discurso proferido por adultos para crianças. Para ela, “[...] o exercício do poder adulto sobre a criança é mediatizado pela educação formal e informal que, além de manter a relação de dependência da criança, tende a prolongá-la cada vez mais” (ROSEMBERG, 1984, p. 24). Assim, o direito de ensinar e o dever de aprender, formando facetas marcantes do poder exercido pelo adulto sobre a criança e a relação educador/educando, perpassam as fronteiras da família e da escola, manifestando-se em situações de vida. Nesse contexto, a literatura infanto-juvenil legitimaria essa relação assimétrica, representando uma comunicação para e não entre.

Ainda dentro do raciocínio das relações influenciadoras e de poder, a cultura midiática, intimamente relacionada ao universo das HQ, incita reflexões sobre o seu papel na sociedade de consumo contemporânea.

Hoje, mais que nunca na história, os agentes privilegiados no processo de (re)criação e difusão de valores, comportamentos, gostos, idéias, personagens virtuais e ficção são as grandes empresas transnacionais da mídia, da publicidade e do entretenimento (MOREIRA, 2003, p. 1207).

Essas corporações, que reúnem televisão, vídeo, cinema, internet, diversão eletrônica e, ainda, rádios, revistas, jornais e diversas formas de

comunicação imagética, sonora e/ou virtual, são agentes sociais poderosos. Segundo o autor, o sistema midiático-cultural elabora e difunde visões de mundo, sentidos e explicações para a vida e a prática das pessoas e, desse modo, passa a influenciar sempre mais seu cotidiano, sua linguagem e suas crenças.

Parece-me inequívoco que os diversos meios de comunicação exercem hoje uma função pedagógica básica, a de socializar os indivíduos e de transmitir-lhes os códigos de funcionamento do mundo. Sem dúvida instituições como a família, a escola e a religião continuam sendo, em graus variados, as fontes primárias da educação e da formação moral das crianças. Mas a influência da mídia está presente também por meio delas. A televisão, por exemplo, ocupa uma fatia considerável do tempo das crianças, sobretudo em meios sociais carentes de fontes alternativas de ocupação e lazer (MOREIRA, 2003, p. 1216).

Lisbôa (2008) considera que, além da escola e dos processos formais de escolarização, a cultura e, dentro dela, a mídia é importante ferramenta que “[...] constitui e desconstitui, que formula e reformula, que produz e reproduz, modos de ser e de pensar, modos de agir e se posicionar, modos de estar e de viver” (LISBÔA, 2008, p. 14). Segundo a autora, a importância dos quadrinhos como veículo de comunicação está no fato de que: a) são um material dinâmico, que pode tratar, a cada edição, de um novo tema (livros didáticos trazem conteúdos estáticos, por vários anos); b) possuem um poder de alcance muito grande, por meio de comunicação direta e de fácil compreensão; c) são mais especificamente voltadas para o público infanto-juvenil, sendo essa a etapa do desenvolvimento social e cognitivo em que a pessoa assimila a maior parte dos conceitos que levará para o resto da vida.

Sobre a especificidade das HQ, Cirne (1982, p. 18) propõe que “[...] embora menos do que no cinema, a linguagem quadrinizada resulta da soma de diversos códigos (o desenho, a “fala” dos personagens, a articulação das imagens na página ou na tira etc.)”. Ainda, “[...] f) o discurso quadrinizado deve ser entendido como uma prática significativa e, mais ainda, como uma prática social que se relaciona com o processo histórico e o projeto político de uma dada sociedade”.

Diante do exposto, o problema da seguinte pesquisa é: Quais são os principais fatos históricos que permeiam o surgimento e desenvolvimento das HQ, no Brasil e no mundo? Como se deu o relacionamento dos quadrinhos com a educação brasileira?

Revisão de literatura

História dos quadrinhos

Mesmo tendo seu marco inicial, na virada do século XIX, as raízes das HQ podem ser encontradas nas pinturas rupestres, quando o homem utilizava imagens sequenciais para representar o movimento ou narrar um acontecimento, por exemplo, suas aventuras em caçadas. Ainda, são precursores das HQ as cenas de batalhas, momentos históricos, retratos de personalidades, registrados na forma de pinturas, tapeçarias, inscrições em monumentos, dentre outros (GUIMARÃES, 2001).

Segundo Moya (1986), os quadrinhos surgiram no final do século XIX, com o cinema, mas, diferente da invenção dos Lumière, as HQ foram ignoradas e se tornaram alvo de campanha contrária, que atribuía a elas a criminalidade infanto-juvenil, considerando-se que as crianças se desinteressavam dos estudos e da leitura obrigatória. As primeiras HQ e seus precursores foram controversos e provocaram reações contrárias.

Criador da história *M. Vieux-Bois*, de 1827, Rudolph Töpffer foi um professor suíço, precursor da 'literatura em estampas'. Sendo um literato de sucesso, dedicou-se a meia dúzia de HQ escritas nos intervalos de sua profissão de pedagogo e, posteriormente, publicadas sob o título de *Histoires em Estampes*, em 1846-47. Töpffer explicou a natureza mista do seu trabalho (MOYA, 1986, p. 13):

Ele se compõe de uma série de desenhos autografados em traço. Cada um destes desenhos é acompanhado de uma ou duas linhas de texto. Os desenhos, sem este texto, teriam um significado obscuro, o texto, sem o desenho, nada significaria. O todo, junto, forma uma espécie de romance, um livro que, falando diretamente aos olhos, se exprime pela representação, não pela narrativa.

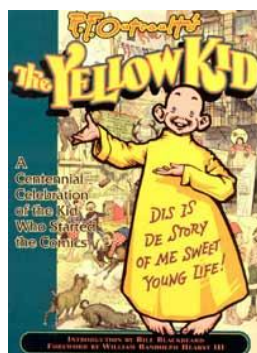
Outro importante nome da HQ é Wilhelm Busch, poeta, artista e humorista alemão, criador de *Juca e Chico (Max und Moritz)*, em 1865. Os dois garotos travessos foram bastante criticados por pedagogos, como aconteceu com todas as outras HQ que traziam como personagens crianças traquinas. Com o suíço Töpffer e o francês Christophe, Busch é considerado um dos precursores das HQ. Os três “[...] aliavam suas qualidades literárias ao excelente nível de desenho, ao senso de humor, à antevisão do que viria a ser um dos veículos de maior sucesso no mundo das comunicações: os *comics*” (MOYA, 1986, p. 16).

Moya (1986) afirma que a HQ brasileira foi marcada por altos e baixos, acompanhando a evolução de revistas e jornais e o progresso dos processos de impressão. Assim, a data oficial da primeira ilustração, tipo *cartoon*, brasileira, foi estabelecida como 14 de dezembro de 1837, intitulada *A campainha e o Cujo*, de Manuel Araujo Porto-Alegre (1806-1879).

Italiano radicado no Brasil, Ângelo Agostini também pode ser considerado um dos precursores das HQ, tendo iniciado seu trabalho com quadrinhos, em 1867, com *As Cobranças*. Sua primeira historieta com personagem fixo surgiu na revista *Vida Fluminense*, em 30 de janeiro de 1869, intitulada *As aventura de Nhô Quim* ou *Impressões de uma viagem à corte*. Na *Revista Ilustrada*, iniciou *As aventuras de Zé Caipora*, outro personagem seriado (MOYA, 1986).

Diante de todos esses artistas e suas iniciativas surge, em 5 de maio de 1895, no jornal *World*, em Nova York (NY), o primeiro personagem fixo semanal, que marcará formalmente o nascimento das HQ: o Menino Amarelo.

Figura 1 – O Menino Amarelo (*Yellow Kid*), de Outcault.



Fonte: YellowKid... (2013).

Criada por Richard Outcault (MOYA, 1986), a história *At the Circus in Hogan's Alley* mostrava crianças em becos, em que se destacava um menino de cabeça grande, orelhudo, aparentando ter seis ou sete anos, com um camisolão sujo. A partir do pedido do técnico de cores, seu camisolão azul passou a ser amarelo, fato que levou o público a nomeá-lo *Yellow Kid*. “Por influência das charges políticas, seu camisolão tornou-se panfletário, portando frases e críticas do momento” (MOYA, 1986, p. 23).

Furlan (1989) afirma que, apesar de o trabalho de ilustração de textos existir, com maior intensidade, na França, Inglaterra e Itália (Europa), foi nos EUA que seu desenvolvimento se deu, pela concorrência entre dois grandes jornais: O *New York World*, de Joseph Pulitzer, e o *Morning Journal*, de William Randolph Hearst.

Nesse contexto de competição, em 1896, Outcault se transferiu para o *Journal*, de Hearst. Lá, a história ganhou o título mais popular – *O Menino Amarelo* –, tendo sido acrescentados desenhos progressivos na narrativa e balões. Outcault e sua esposa se ressentiam dos ataques de grupos conservadores que acusavam a imprensa sensacionalista, praticada por Hearst e Pulitzer, denominando-a de ‘jornalismo amarelo’ (no Brasil, imprensa marrom), termo relacionado ao personagem de Outcault. Assim, o artista abandonou o Menino e Hearst e passou a trabalhar como *freelancer*. Tempos depois, criou *Buster Brown*, ou *Chiquinho*, que, apesar de possuir comportamento pior que o Menino Amarelo, foi aceito por sua condição social, mostrando que as críticas não eram de cunho didático ou educacional (MOYA, 1986).

Segundo o autor, Chiquinho era um menino de dez anos, de família burguesa, presenteado, ao final do ano, com um terninho de marinheiro, por bom comportamento. Porém, era um péssimo estudante, agressivo com colegas e punido por seus professores. Visto como ‘a praga’ das domésticas, entregadores, policiais, companheiros e pais, usava explosivos, gatos furiosos, tinta, dentre outras artimanhas. O sucesso foi tanto que teve suas roupas e sapatos transformados em *merchandising*, além de versões teatrais, em rádios e filmes curtos, bem como uma série de brinquedos.

Figura 2 - Propaganda de sapato com personagem de Chiquinho (Buster Brown).



Fonte: Karswell (2007).

Figura 3 - *O Tico-Tico*.



Fonte: Cris (2009).

Segundo Lachtermacher e Miguel (1989), Chiquinho e seu cachorro Tige (no Brasil, Jagunço) eram os personagens mais famosos de *O Tico-Tico*, revista lançada, no Brasil, em 1905, pela editora O Malho, marco inicial das publicações dedicadas ao universo infantil. Antes dela, em 1898, surgira a primeira revista do gênero, o *Jornal da Infância*, edição graficamente menos elaborada (sem cores, contendo poucas páginas, trazia vinhetas de origem francesa, sem vínculo com o texto) que durou apenas quatro meses. Já *O Tico-Tico* saiu em cores, com tiragem inicial de 21 mil exemplares, chegando a atingir 30 mil exemplares, em seu 11º número. *O Tico-Tico* encerrou suas atividades, no final da década de 1950, mas, em seu cinquentenário, ganhou crônica de Carlos Drummond de Andrade, no *Correio da Manhã*:

[...] *O Tico-Tico* é pai e avô de muita gente importante. Se uns alcançaram importância, mas fizeram bobagens, *O Tico-Tico* não teve culpa. O Dr. Sabe-Tudo e o Vovô ensinaram sempre a maneira correta de viver, de sentar-se à

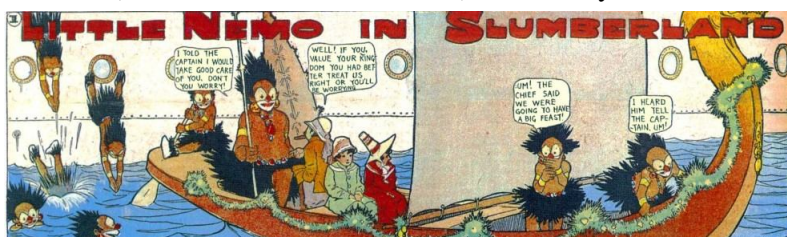
mesa, de servir à pátria. E, da remota infância, esse passarinho gentil voa até nós, trazendo no bico o melhor que fomos um dia. Obrigado, amigo! (ANDRADE apud MOYA, 1986, p. 44).

Moya (1986) afirma que as HQ estrearam nos suplementos dominicais coloridos, usando a dimensão total do jornal. No início do século XX, passaram a sair, também, como tiras diárias, em preto e branco. Apenas em 1933-34, surgiram os *comic books*, com tamanho meio tabloide e histórias completas, desvinculados dos jornais.

Segundo Campos e Lomboglia (1989), no início do século XX, as HQ eram essencialmente humorísticas e de temática variada: fantasias, histórias mitológicas, ficção científica. Nos EUA, Winsor McCay divulgou o estilo *art nouveau*¹, que teve sua expressão máxima nas aventuras do *Pequeno Nemo no país dos sonhos*. Havia uma nova preocupação estética, com cenários elaborados, retratando a natureza e os animais, época de grande produção para os quadrinhos.

Lachtermacher e Miguel (1989) afirmam que, em 1929, surgiu a segunda importante manifestação na área de quadrinhos, no Brasil: a *Gazeta Infantil* ou *Gazetinha*, trazendo, em seu primeiro número, uma aventura do Gato Félix, de Pat Sullivan. Essa publicação trouxe, ainda, as histórias de *O Sonho de Carlinhos* (*Little Nemo in Slumberland*), de McCay, famoso pelo personagem Fantasma.

Figura 4 - *O menino Nemo na Terra dos Sonhos*
(*Little Nemo in Slumberland*), de McCay.



Fonte: O Menino ... (2012).

¹ Filosofia e estilo internacional de arte, arquitetura e arte aplicada – especialmente as artes decorativas- que foram mais populares de 1890 – 1910. Uma reação à arte acadêmica do século XIX, foi inspirado por formas e estruturas naturais, não somente em flores e plantas, mas também em linhas curvas.

Segundo Furlan (1989), a década de 1920 marca a introdução da ideologia política capitalista, com personagens bem sucedidas financeiramente e protetoras ou humildes que seguem os caminhos da justiça. Também surgem as HQ de aventura. Ainda, no pós-guerra, duas correntes despontam na cena: humoristas e intelectuais, que exploram várias possibilidades das HQ. O estilo era influenciado pelo *art déco*², com cenários elaborados, na parte dos mobiliários, vestimentas, personagens. Nos anos 1930, a idade de ouro das HQ, dá-se o estabelecimento das histórias de ficção científica, policial, de guerra, de cavalaria, faroeste etc. É o advento do quadrinho realista, com destaque para os desenhos em preto e branco. No final da década, surge Super-Homem, abrindo caminho para uma gama de super-heróis (CAMPOS; LOMBOGLIA, 1989).

Figura 5 - Capa do 1º gibi do Super-Homem.



Fonte: Americano... (2013).

² Movimento popular internacional de design que durou de 1925 até 1939. Uma mistura de vários estilos (ecletismo) e movimentos do início do século XX, incluindo construtivismo, cubismo, modernismo, bauhaus, *artnouveau* e futurismo. Ver: Art déco (2014).

O aparecimento desses personagens coincidiu com um período de forte crise financeira, nos EUA, com a queda da bolsa de NY, em 1929. Assim, os heróis traziam uma série de poderes que os cidadãos comuns desejavam, mas não podiam ter.

Nessa época, a atuação dos *Syndicates* tinha relação direta com a política interna/externa dos EUA. O significado de *Syndicate* perpassava as definições de sindicato e associação. Além de possuírem direitos de venda e distribuição sobre os trabalhos dos desenhistas, funcionavam como uma agência de veiculação das HQ, preparando e emitindo milhares de matrizes, pelo mundo. Também eram reguladores da atividade, por meio de um código de ética, incluindo questões sobre ofensas, palavrões, imoralidade, religião, raça ou política, violência com mulheres, crianças e animais, incentivo ao crime etc. (FURLAN, 1989).

Moya (1986) afirma que, no Brasil, em 1934, era publicado, no jornal carioca, *A Nação*, uma revolução na imprensa brasileira: o *Suplemento Infantil*, um encarte em tamanho tabloide que acabou se tornando independente, a partir da 14ª edição, tamanho o sucesso com o público. Essa publicação influenciou todo o mercado da comunicação de massa, bem como as gerações futuras. *O Suplemento* revelou artistas e escritores nacionais³, trazendo temas nacionalistas, além de ter lançado a moderna HQ norte-americana. Flash Gordon, Mandrake, Popeye, Tarzan, Mickey foram alguns dos personagens publicados. Teve seu fim em 1945.

Seguindo os passos do *Suplemento*, foram lançados *O Lobinho*, *Mirim*, *Policial em Revista*, *Contos Magazine* bem como *O Globo Juvenil*, *Gibi*, *Gibi Mensal*, esses últimos, de propriedade de Roberto Marinho, iniciando, assim, a febre dos quadrinhos (ou gibis) no Brasil. No Brasil, o nome ‘gibi’ se popularizou com o lançamento da revista de Roberto Marinho, de mesmo nome. Calazans (2004, p. 9) explica que “Gibi significa moleque negrinho e indica os jornalheiros que vendiam de mão em mão os jornais com suplementos de HQ”.

Uma inovação dos anos 1940 foi o lançamento das *Edições Maravilhosas*, pela Editora EBAL, que quadrinizava obras literárias brasileiras (LACHTERMACHER; MIGUEL, 1989).

Como os EUA pouco participaram da I Guerra, as HQ não desenvolveram temas relacionados à guerra. Também, na crise de 1930, o

³ J. Carlos, Luiz Martins, Monteiro Filho, Fernando Dias da Silva, Antonio Euzébio, Sálvio Correia Lima, Celso Barroso, Alcyrô Dutra, dentre outros.

assunto não se manifestou, pois os americanos não queriam ver sua situação ruim divulgada. Entretanto, “[...] os “Syndicates” acionaram os desenhistas para a criação de novos títulos, ou adaptações aos já existentes, com relação à II Grande Guerra” (FURLAN, 1986, p. 31). Assim, super-heróis foram convocados a lutar contra os japoneses e alemães, na II Guerra Mundial (1939-1945) (CAMPOS; LOMBOGLIA, 1989).

Também, na década de 1940, Carl Barks foi o anônimo autor e desenhista de Pato Donald, na revista americana *Walt Disney's Comics and Stories* (de abril de 1943 a março de 1965) e criador do personagem Tio Patinhas. Inicialmente, havia sido contratado para desenvolver a história de um filme sobre Pato Donald, engavetada após o sucesso de Branca de Neve e os Sete Anões e Pinóquio. O projeto do filme acabou virando uma edição especial de um gibi, intitulado *Pato Donald encontra o ouro dos piratas*, publicado, em 1942, pela *Dell Publishing Co.* O sucesso foi tamanho que a Dell ofereceu a Barks um contrato para escrever e desenhar histórias completas na revista *Walt Disney's Comics and Stories*. O personagem de Tio Patinhas nasceu, em 1947, inspirado em Charles Dickens⁴ (em inglês, Tio Patinhas se chama *Uncle Scrooge*, mesmo nome do personagem de Dickens), em uma edição especial natalina. Daí por diante, surgiram outros personagens Disney como o Professor Pardal, o Primo Gastão e a Maga Patalógica (1948), bem como Os Irmãos Metralha (1951) (MOYA, 1986).

Nos anos 1950, foi instalado um clima de desconfiança e preconceito em relação às HQ que só iria se desfazer, quando intelectuais de todo o mundo voltassem seus olhos para os quadrinhos (CAMPOS; LOMBOGLIA, 1989). Nesse contexto, as HQ americanas passaram por um declínio, justificado por três principais motivos: o saldo deixado pela guerra (saturação de temas ligados a massacres, conquistas); o lançamento do livro *Seduction of the innocent: the influence of comic books on today's youth*, do Dr. Frederic Wertham (1954), que acusava as HQ de provocarem a delinquência juvenil; e a lista negra, criada pelo senador McCarthy, que perseguiu personalidades da sociedade norte-americana e do meio artístico (FURLAN, 1986). “No Brasil, os pais, professores, padres, escolas, todos eram contra essa forma de “preguiça mental das crianças”” (MOYA, 1986, p. 190).

⁴ É autor de *A Christmas Carol*, história sobre o avaro Sr. Scrooge que não gosta do Natal.

Na mesma época, as HQ questionaram a sociedade sobre aspectos filosóficos e sociopsicológicos – os quadrinhos pensantes. Foi a fase da *Pop Art* que se inspirava na publicidade e nas HQ. As relações entre quadrinhos e pintura se consolidaram (CAMPOS; LOMBOGLIA, 1989). Um dos momentos históricos das HQ, reconhecido, há pouco tempo, por estudiosos do assunto, deu-se no Brasil. Em 1951, um grupo de desenhistas brasileiros realizou uma exposição pioneira, no mundo. Assim, São Paulo foi a primeira cidade do mundo a sediar uma exposição de HQ. O projeto, a princípio recusado para exposição no Museu de Arte de São Paulo, foi exposto no Centro Cultura e Progresso e denominado “[...] Primeira Exposição Internacional de História em Quadrinhos (MOYA, 1986, p.189). Na ocasião, revelaram que o personagem Chiquinho nada mais era do que um decalque (prática muito comum, nos primórdios das HQ brasileiras) de *Buster Brown*, de Outcault. “Durante muitos anos foi considerado, erroneamente, como “típico quadrinho brasileiro”” (MOYA, 1986, p. 41). Os artistas nacionais – Jayme Cortez Martins, Syllas Roberg, Reinaldo de Oliveira, Álvaro de Moya, Miguel Penteado -, que sabiam da importância das HQ e lutavam por uma produção genuinamente brasileira, organizaram o evento que acabou marcando a carreira dos mesmos. A iniciativa abriu caminho para uma nova geração de desenhistas brasileiros e foi reconhecida por seu pioneirismo, abordando

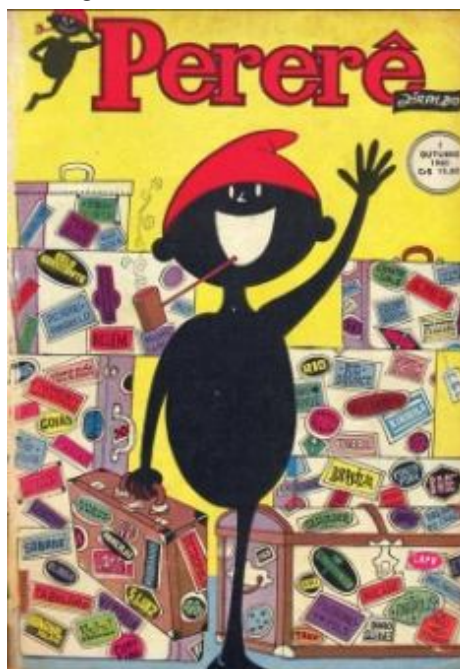
[...] aspectos estéticos, o desenho, o texto, a psicologia e a psiquiatria aplicada nos personagens, a linguagem própria [...], o uso das cores, o nacionalismo e o internacionalismo dos *comics*, a onomatopeia, as novelas em desenhos e fotos, os cortes e fusões cinematográficos, os *travellings*, o uso de zoom, a utilização da luz, [...] o humor, a captação de um público, [...] a força do meio em relação ao cinema, à literatura, imprensa, [...] o aspecto histórico, [...] os autores acadêmicos, com Hal Foster, e os de vanguarda, como Will Eisner, [...] Os aspectos sociais e sociológicos. E até a própria campanha contra os quadrinhos (MOYA, 1986, p. 191).

Ainda, segundo o autor, os plágios foram denunciados, como livros de Monteiro Lobato, ilustrados com cópias de Flash Gordon e Príncipe Valente e edições atrasadas de Busch, em relação a sua época.

Conforme Furlan (1986), os anos 1960 foram marcados socialmente por dois fatos significativos: a Guerra do Vietnã e o movimento hippie, trazendo à tona temas antes considerados tabus: drogas, grupos minoritários, liberdade sexual, consumismo, movimento feminista, homossexualismo, dentre outros. Nas HQ, aparecia o movimento *underground*, marcado pela rebeldia de diversos artistas contras as regras dos *Syndicates*. Foi nessa mesma época que as heroínas surgiram, como reflexo dos movimentos feministas em voga (CAMPOS; LOMBOGLIA, 1989).

Finalmente, na década de 1960, surgiu *Pererê*, de Ziraldo, uma criação genuinamente brasileira, com a figura do saci, elemento do folclore nacional. O autor retratava os costumes brasileiros por meio de suas temáticas, enredo e ambientação da história. Também, nos anos 1960, Henfil produziu um marco da crítica social nas HQ - Os Fradinhos (LACHTERMACHER; MIGUEL, 1989).

Figura 6 - *Pererê*, de Ziraldo.



Fonte: Srbek (2010).

Figura 7 - *Os Fradinhos*, de Henfil.



Fonte: Spacca (2013).

Ainda, na década de 1960, os intelectuais europeus descobriram as HQ, levando-as para dentro das universidades, dos livros ‘sérios’, dos museus e, em pouco tempo, virou moda revelar-se fã de velhos personagens. O peso cultural da Europa autorizou o reconhecimento da relevância das HQ como meio de comunicação internacional, que transpunha as barreiras das línguas com uma linguagem universal (MOYA, 1986).

No período, a relação das HQ com crianças e adultos foi muito estudada, sendo que os primeiros trabalhos sobre o tema se tornaram estudos científicos, realizados pela UNESCO, no intuito de se utilizar a linguagem dos quadrinhos para fins educacionais.

Ao contrário dos que acusavam os quadrinhos de deixarem as crianças desleixadas, os *comics* provocavam uma reação imediata nos petizes. Essas pesquisas provaram a utilidade da linguagem das historietas para fins de resposta pronta do intelecto infanto-juvenil (MOYA, 1986, p. 7).

Nesse contexto sociopolítico, artistas como Miguel Paiva, Alain Voss e Sérgio Macedo deixaram o Brasil e fizeram carreira no exterior. Pequenos grupos (os udi-grudi), influenciados pelo *underground* americano, criaram revistas de resistência, durante a ditadura militar. O

Pasquim, sob censura e prisões, desempenhou um trabalho de resistência, com Millôr Fernandes, Ziraldo, Jaguar, Henfil, dentre outros.

Segundo Campos e Lomboglia (1989), os anos 1970 viram a revalorização dos quadrinhos acontecer, com a publicação dos *undergrounds*, já estabelecidos, bem como por meio do lançamento de grandes álbuns, na Europa, voltados, principalmente, para o mercado adulto. Ainda, exposições de HQ invadiram os museus para apreciação do público em geral, elevando o status dos quadrinhos e seu reconhecimento.

Segundo os autores, “[...] no início da década de 70, Maurício de Souza, que já havia distribuído tiras de quadrinhos com suas primeiras personagens por vários jornais, passa a editar suas próprias revistas com a turma da Mônica” (LACHTERMACHER; MIGUEL, 1989, p. 47). Após o lançamento, pela Abril, as tiragens subiram, reduzindo a venda das revistas Disney. O *merchandising* levou seus personagens a uma empatia popular. Souza criou Mônica, Franjinha, Chico Bento, dentre tantos outros que caíram no gosto popular. Por esse feito, ganhou o prêmio *Yellow Kid*, em 1971 (MOYA, 1986).

No início da década de 1980 (1983), outra lei obrigou jornais e revistas a publicar um percentual de quadros nacionais, proporcionais aos estrangeiros. Houve uma leve presença nos jornais do Rio de Janeiro, *O Globo* e *Jornal do Brasil*, enquanto a *Folha de S. Paulo* continuava incentivando artistas brasileiros.

Livros didáticos buscavam introduzir HQ, a fim de aproximarem sua linguagem da das crianças e jovens. Pioneiramente, o prof. Francisco Araújo introduziu, na Universidade de Brasília, o estudo dos quadrinhos; depois, Sonia Luyten e Luiz Antonio Cagnin inseriram editoração em quadrinhos na ECA – Escola de Comunicação e Artes de SP. A partir daí, o Brasil passou a receber premiações internacionais nos congressos de *comics*, pelo mundo. Com o esmaecimento da censura, após 22 anos de ditadura, começaram a surgir livros sobre Carlos Zéfiro⁵ e reimpressões de seus trabalhos. O período permitiu o aparecimento de HQ de sexo explícito, bem como edições de fundo político (MOYA, 1986).

Nos meios de comunicação de massa, o *Jornal do Brasil* começou a incluir 50% da sua publicação de HQ nacionais, na vanguarda dos demais

⁵ Carlos Zéfiro é o pseudônimo de Alcides Aguiar Caminha com o qual ilustrou e publicou, durante as décadas de 1950 a 1970, HQ de cunho erótico que ficaram conhecidas por “catecismos”.

jornais. Vergueiro (2010) afirma que, no Brasil, além do crescimento da produção de HQ adultas e do impacto da inovação tecnológica, a indústria também conviveu, nos anos 1990 e primeira década do século XXI, com produtos da indústria oriental, os ‘mangás’, que chegaram com diferentes proposições temáticas e direcionados a públicos segmentados

Contando com ousada estratégia de marketing e um esquema coordenado de lançamentos, que inter-relaciona produções de desenho animado para a televisão, produções cinematográficas, jogos eletrônicos, bonecos e produtos assemelhados, esses produtos granjearam o interesse de muitos leitores, rapidamente crescendo em número e variedade de títulos. [...] A publicação de mangás trouxe um ânimo novo para a indústria brasileira de produção de quadrinhos, atraindo públicos segmentados e incorporando ao mercado um contingente significativo de leitores do sexo feminino, algo que não acontecia na produção de quadrinhos de influência norte-americana (VERGUEIRO, 2010, p. 11).

Nos anos seguintes até os dias atuais, segunda década do século XXI, o desenvolvimento das HQ, no Brasil e no mundo, viu-se ainda mais acelerado, com um aumento significativo de títulos, leitores, usos, bem como o surgimento de interfaces nos demais meios de comunicação, como o cinema, a internet, a televisão, dentre outros.

História da educação no Brasil

Segundo Souza (2008), a centralidade atribuída pelos republicanos à educação, na transição do século XIX para o século XX, nutriu-se dos ideais liberais e dos modelos de modernização educacional em voga, nos países ditos civilizados, ratificando a distinção entre a educação do povo e a das elites e estabelecendo clivagens culturais significativas.

A autora afirma que, até o século XVIII, predominou, nas escolas elementares, o ensino da leitura, especialmente a do catecismo baseado na memorização e na instrução das verdades religiosas.

Durante o século XIX, a tríade leitura-escrita-cálculo formava o conteúdo básico do currículo escolar primário. Entretanto, a insuficiência

desses saberes elementares para a formação do homem moderno passou a ser cada vez mais propagada, na Europa e EUA.

Em relação ao currículo das escolas paulistas, pode-se dizer que o conjunto de matérias estabelecido, no início da república, prevaleceu praticamente o mesmo, até o final da década de 1960.

Ao longo da Primeira República, cada vez mais os programas do ensino primário buscaram reger a prática docente, determinando minuciosamente o quê e como ensinar (SOUZA, 2008).

Em relação ao material de estudo, Souza (2008, p. 56) afirma que a leitura era praticada pelos alunos em manuais especialmente produzidos para uso escolar. Assim,

[...] tiveram primazia no início do século XX as séries graduadas de leitura – único livro permitido nas escolas primárias paulistas na época. Organizadas para atender ao pressuposto da graduação escolar, definitivamente instituída na organização do ensino primário, essas séries visavam a adequar o ensino da leitura às finalidades educativas, às dificuldades, vocabulário e complexidade dos textos, tendo em vista o desenvolvimento infantil.

Sobre o ensino secundário, a autora afirma que, enquanto a escola primária teve lugar central nos projetos de modernização da sociedade brasileira, configurando-se como a escola republicana por excelência, os estudos secundários tratavam da educação de um grupo social muito restrito (elite) cuja formação, fundamentada nos estudos desinteressados (aqueles opostos aos estudos úteis, mais tecnicistas), expressava a distinção cultural destinada à preparação para os cursos superiores.

Desvinculada de uma utilidade imediata em relação ao mundo do trabalho, a formação das classes dirigentes continuou privilegiando a arte da expressão, a erudição linguística, o escrever e o falar bem, o domínio das línguas estrangeiras e a atração pela estética literária (SOUZA, 2008).

Nas décadas de 1930 e 1940, governo de Getúlio Vargas, o nacionalismo brasileiro alimentou-se de um projeto autoritário e centralizador, buscando erradicar as minorias étnicas, linguísticas e culturais. Os professores primários foram conclamados para essa campanha e boa parte do magistério assumiu tal empreendimento como causa cívica (SOUZA, 2008).

Segundo Souza (2008), a partir dos anos 1930, o ensino primário paulista foi reorganizado com base nos princípios da Escola Nova. Uma série de disposições normativas na época buscou modernizar a instrução pública no Estado. Foram ampliadas as funções da escola elementar, traduzidas no esforço de reconstrução nacional pela educação (dar satisfação às tendências das crianças, desenvolver a responsabilidade individual e de trabalho, a cooperação e a solidariedade etc.). Ao contrário da Primeira República, os princípios da Escola Nova reagiram contra a determinação sistemática e lógica dos programas, substituindo a centralidade do professor e do conhecimento pelo respeito à atividade, ao interesse, às necessidades e experiência das crianças (SOUZA, 2008).

Nas décadas seguintes, o Departamento de Educação elaborou programas analíticos que discriminavam detalhadamente as finalidades de cada matéria e a orientação metodológica a seguir. No Programa de 1949/50, as indicações metodológicas tomavam como base a pedagogia nova, enfatizando procedimentos didáticos que pudessem mobilizar o interesse e a atividade das crianças, como: excursões e visitas, jogos, brinquedos, álbuns de gravuras, cineminha, dramatizações, charadas, jornal escolar, dentre outros. Entretanto, estudiosos do assunto não asseguram que os programas colocados em vigor, em 1949 e 1950, foram efetivados, nas escolas primárias paulistas. Acredita-se que os professores tenham moldado suas práticas com a cultura escolar já sedimentada (SOUZA, 2008).

Souza (2006) apresenta algumas características do ensino praticado nos grupos escolares paulistas, no período de 1930 a 1970: o esforço concentrado na leitura, o ensino da caligrafia, a valorização do trabalho, da perseverança e dos valores morais, os rituais cívicos (cantar o Hino Nacional, hastear a bandeira etc.).

Tanto a organização do trabalho quanto o currículo escolar foram profundamente alterados, a partir de 1970. Na educação primária, os ideais de civilização do povo pela escola, os valores cívico-patrióticos, foram substituídos pela formação da criança circunscrita às primeiras aprendizagens. A deterioração da qualidade de ensino foi dramática. Houve a fusão do ensino primário com o ginásial, o que representava a conclusão do 1º grau em oito anos. As transformações no ensino secundário foram ainda mais profundas. O conteúdo humanista foi substituído pela cultura científica e técnica, orientada para o trabalho (SOUZA, 2008).

Assim, pode-se concluir que, no primeiro período de análise da educação brasileira, que vai de 1890 a 1931, a concepção predominante foi o iluminismo republicano. Já, no segundo período, de 1930 até 1950, prevaleceu o ideário pedagógico renovador, enquanto o terceiro período, a partir dos anos 1950, foi dominado pela concepção produtivista da educação, que a considerava decisiva para o desenvolvimento econômico do país (SAVIANI, 2006a).

Quadrinhos e Educação

Durante grande parte do século XX, as HQ não eram percebidas como objetos passíveis de análise por parte da academia. Uma das possíveis explicações se dá pela grande influência da Escola de Frankfurt e de seus estudos sobre a indústria cultural. O movimento intelectual, iniciado nos anos 1920 e liderado por Adorno e Horkheimer, promoveu um debate prolífico sobre as condições sociais, econômicas, políticas e culturais da época. Para eles, o fracasso do iluminismo era, em parte, atribuído à substituição de velhos mitos por novos mecanismos de dominação, de controle - a Indústria Cultural - um sistema composto pelos meios de comunicação de massa (BAHIA, 2012).

No caso específico das HQ, a influência da Escola de Frankfurt, aliada à ideia de que os quadrinhos eram direcionados apenas ao público infantil, originou trabalhos que enfatizavam uma suposta influência negativa destes na formação de crianças e adolescentes. Um dos episódios mais conhecidos foi a cruzada, liderada pelo psiquiatra Fredric Wertham, nas décadas de 1940 e 1950, nos EUA. “Dr. Wertham defendia a ideia que o sexo e a violência presentes nos quadrinhos impeliam à delinquência, constituindo-se, portanto, em elementos deturpadores da formação dos jovens leitores” (BAHIA, 2012, p. 342). Além de publicar um artigo sobre o assunto, promoveu o simpósio ‘A psicopatologia dos quadrinhos’, que ajudou a disseminar a campanha contra as HQ (NYBERG, 1998 apud BAHIA, 2012, p. 342). Em 1948, assistiu-se a grandes queimas de quadrinhos, em várias cidades americanas, sendo que os episódios mais famosos e documentados foram os das cidades de Binghamton, em NY e Spencer, em West Virginia (HAJDU, 2008 apud BAHIA, 2012, p. 342).

Em 1954, Dr. Wertham (1954) publicou seu famoso livro, *Seduction of the innocent: the influence of comic books on today's youth*. Ao apresentar suas pesquisas, descrever estudos de caso e reafirmar suas

conclusões sobre os efeitos negativos dos quadrinhos em jovens e crianças, o psiquiatra fornecia aos inimigos da indústria de HQ o respaldo científico de que eles precisavam.

Ainda, em 1954, o Senado americano apertou o cerco à indústria cultural e formou um comitê oficial que convocou audiências com personalidades envolvidas no assunto (artistas, empresários, intelectuais, políticos etc.). Foi criado um órgão de censura às HQ - *Comics Code Authority* (CCA) -, dirigido pela magistratura de NY. Os requisitos para se receber o selo de aprovação do CCA eram diversos e incluíam acabar com os “[...] vampiros, lobisomens e zumbis das histórias, além de eliminar as palavras “horror” e “terror” dos títulos a serem publicados. Todas as histórias também tinham que apresentar um final em que o “bem” sempre vencia o “mal”” (BAHIA, 2012, p. 342). Houve uma retração da indústria dos quadrinhos, que teve que se adaptar aos parâmetros ditados pelo comitê. Algumas publicações, por não conseguirem o selo de aprovação, foram descontinuadas e, anos depois, a editora EC Comics⁶ fechou.

No Brasil, os estudos sobre HQ tiveram Moacyr Cirne, nos anos 1970, como pioneiro. Na mesma época, foi fundado o Laboratório de Histórias em Quadrinhos, da Universidade de São Paulo (USP), hoje, o mais importante centro de estudos sobre o tema, no país. Na academia, a partir da década de 1980, os estudos culturais, na Inglaterra, começaram a questionar a divisão entre ‘alta’ e ‘baixa’ culturas, dando início à incorporação de produtos de massa como objetos dignos de investigação acadêmica.

Vergueiro (2010) afirma que, na área pedagógica, a mudança foi importante, pois professores passaram a aceitar a presença de HQ na sala de aula, derrubando a argumentação de que tais publicações eram destinadas apenas ao lazer, superficiais e com conteúdo pouco sério. Essa visão predominou no país, na segunda metade do século XX, mesmo que experiências com uso de HQ em livros didáticos (como tiras ilustrativas para análise, um recurso adicional à aprendizagem), a partir dos anos 1980, mostrassem o contrário. Uma mudança mais significativa ocorreu em 1996, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação

⁶ Editora norte-americana de quadrinhos, especializada nos gêneros de ficção criminal, de horror, sátira, militar e científica. Seguiu essa linha editorial de 1940 a 1950, quando teve que abandonar a maior parte dos títulos pela censura do *Comics Code Authority*.

Nacional (LDB), que apontava para a necessidade de inserção de outras linguagens e manifestações artísticas, nos níveis de ensino fundamental e médio. Segundo o autor, a LDB abriu o caminho do ensino para as HQ, porém as mesmas só foram oficializadas como prática a ser incluída, na realidade de sala de aula, no ano seguinte, com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que traziam uma releitura das práticas pedagógicas aplicadas na escola e criavam um novo referencial a ser adotado pelos professores.

Os parâmetros da área de artes para o primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental incluem as HQ como expressão e comunicação, na prática dos alunos (BRASIL, 1997). Também, o PCN de artes para o terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental menciona a necessidade de o aluno ser competente na leitura de HQ e outras formas visuais (BRASIL, 1998a). Os PCN de língua portuguesa também mencionam as HQ e, nos do ensino fundamental, há referência específica tanto à charge e sua leitura crítica (BRASIL, 1998b) quanto às tiras de jornal, reconhecendo-as como gênero a ser usado em aula. Ainda, as orientações curriculares para o ensino médio trazem, no volume dedicado a linguagens, códigos e suas tecnologias, referências às HQ como manifestação artística a ser em sala de aula. Deixam clara a necessidade de leitura aprofundada dos quadrinhos, com o objetivo de se perceber os recursos visuais do texto (BRASIL, 2006, p. 185).

Bahia (2012) afirma que o programa governamental que causou o maior impacto, na divulgação e circulação das HQ, no Brasil, foi o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Implementado pelo governo federal, desde 1996, tem por objetivo distribuir livros não didáticos às bibliotecas de escolas públicas de todo o país. “Em 2006, foram selecionadas pela primeira vez obras em quadrinhos, [...]. Dos 225 títulos selecionados pelo governo, 10 eram em quadrinhos, cerca de 4,5% do total” (VERGUEIRO, 2010, p. 13).

Apesar da conquista do espaço na escola, podem-se destacar dois pontos em relação à percepção das autoridades da educação em relação às HQ: a) elas desconsideram os quadrinhos como expressão artística; b) a HQ é vista apenas como um gênero literário diverso, com utilidade para o ensino (deixar o conteúdo mais atrativo, explicativo). Assim, a plasticidade dos quadrinhos, que é a característica principal de atração dos leitores, geralmente não é analisada, apenas seu conteúdo.

Dos 360 títulos do PNBE 2013 (sendo 180 obras para os anos finais do ensino fundamental e 180 para o ensino médio), 29 são histórias em quadrinhos, dentre elas, *O Fantasma de Canterville*, *10 anos com Mafalda*, *A Turma do Pererê - Coisas do coração*, *Nietzsche em HQ*, *O médico e o monstro* (BRASIL, 2012). Entretanto, após análise de cada título, observa-se que, dos 29 selecionados, a maioria (20 títulos) corresponde a adaptações de obras clássicas da literatura para a linguagem das HQ, sendo que 12 se referem a autores internacionais (Shakespeare, Kafka, Mary Shelley, Robert Louis Stevenson etc.) e oito, a autores nacionais (Machado de Assis, Guimarães Rosa, Rachel de Queiroz, Bernardo Guimarães etc.). Dentre as HQ originais (que não são adaptações), cinco são internacionais e quatro, nacionais, sendo que três dessas últimas trazem como tema a questão do folclore brasileiro ou religião. A partir desses dados, pode-se concluir que, para a educação formal (em especial a regulada pelo governo), os quadrinhos ainda são utilizados, principalmente, como ferramenta de atração dos leitores e para melhor apreensão do conteúdo de histórias clássicas tradicionais. Ou seja, a HQ é vista como um meio, e não um fim.

Vergueiro (2010) lembra que o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), processo de avaliação feito pelo governo federal, passou a incluir questões referentes às HQ ligadas ao humor, verificando o domínio de leitura de outras linguagens, que não apenas as transmitidas pelo código verbal escrito.

Voltando-se à questão da relação das HQ com a educação, segundo Pesquisa do Instituto Pró-Livro, os quadrinhos aparecem, ao lado dos livros infantis e dos livros didáticos, como o gênero mais lido entre leitores de cinco a 13 anos (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2011). Segundo Vergueiro (2010), essa é uma confirmação do que já se conhecia: tradicionalmente, os públicos pré-adolescente e adolescente são os principais consumidores de HQ, no Brasil.

Nesse sentido, Luyten (1989) afirma que, ao contrário do pensamento de muitos pedagogos, as HQ estimulam a criatividade e imaginação da criança, quando bem utilizadas, ou seja, discutindo-se, em aula, no sentido de “[...] desvendar o caráter mitológico e ideológico das ações das personagens que trabalham o comportamento psicológico e social dos seres humanos na sua realidade e em situações concretas” (SILVA, 1989, p. 60).

As publicações, em que as HQ têm sido usadas como instrumento educacional, podem ser classificadas em quatro categorias: - a edição voltada exclusivamente para o mercado de livro didático; - a edição com objetivo de ensino, mas voltada ao público em geral; - a edição com objetivo de entretenimento, mas com forte conteúdo educacional; - e as edições com objetivo unicamente de entretenimento (GUIMARÃES, 2001).

Entre as revistas de banca, são poucos os exemplos de publicações que contenham informações de qualidade. A revista “Ken Parker”, embora seja um gibi de faroeste, trata o tema da colonização dos Estados Unidos com seriedade e desmistificação. A série “Pererê” de Ziraldo, nos anos 1960, evidenciou como nenhuma outra o sentimento de brasilidade, dando sua contribuição, na época, para a formação de uma identidade nacional (GUIMARÃES, 2001, p. 9).

Silva (1989) afirma que, em virtude da aceitação e do uso generalizado, as HQ foram inseridas nos livros didáticos como recurso adicional de aprendizagem, para adultos e crianças, e tratando de variados assuntos como matemática, português, biologia, física, história etc. Pensar e repensar criticamente as figuras, o que dizem e como dizem, pode ser uma forma lúdica, prazerosa e comunicacional de se trabalhar as HQ, no processo ensino-aprendizagem.

Esse tipo de trabalho com os quadrinhos é positivo para o desenvolvimento das crianças, uma vez que propõe uma análise completa, não só do conteúdo da história, fazendo a criança pensar a respeito das temáticas e personagens ali apresentados (e que, na maioria das vezes, são assimilados, automaticamente, com um mínimo de reflexão), mas também sobre o plano de expressão, ou seja, as formas, as cores, a plasticidade, a estética ali proposta, enriquecendo o conhecimento artístico das crianças.

Uma vez que as HQ pertencem à categoria de mídia impressa e, portanto, são similares aos livros, elas também podem funcionar como influenciadores no processo de criação do hábito da leitura (CALAZANS, 2004).

O autor afirma que as séries de Julierme de Abre e Castro são consideradas os primeiros quadrinhos produzidos com fins paradidáticos ou didáticos, no Brasil.

Nesses livros de atividades programadas para ensino dirigido, publicados pela IBEP, havia fragmentos ou páginas inteiras de HQs, desde a década de 60. O primeiro livro, de geografia, é de 1967: era inovador e envolvente, exigindo participação da classe e rompendo com o *magister dixit* vigente de época (CALAZANS, 2004, p. 20).

Segundo o autor, a iniciativa foi tão bem sucedida que, em 1968, seguiram-se publicações de livros de história – do Brasil e geral. Os desenhos de Eugenio Clonesi e Rodolfo Zala traziam objetos e vestuário de época, fruto de pesquisas detalhadas.

Calazans (2004) apresenta exemplos da utilização de HQ como material didático, citando a publicação, a partir de 1950, pela Editora Brasil-América (EBAL), de séries de variadas revistas com biografias cívicas e fatos históricos, como *Edição Maravilhosa* e *Grandes Figuras*. Nelas, era contada a vida de personalidades como Monteiro Lobato, Osvaldo Cruz, Santos Dumont, além de episódios históricos como a viagem da família real portuguesa, a fundação de Brasília etc. Apesar da boa intenção, essas HQ eram descritivas e monótonas, sem ação, suspense ou romance, contando com muitos planos médios estáticos, usando, ainda, linguagem de difícil compreensão.

Uma diversidade de gibis destinados aos mais diversos propósitos é citada por Calazans (2004), dentre eles: o Elefantinho, da Shell, protagonista do gibi *Os três mosquiteiros*, que ensinava a evitar a proliferação de mosquitos (anos 60); a coleção *Cadernos do CET* - Centro de Estudos do Trabalho -, com HQ educativas sobre reforma agrária, constituinte, visita do papa etc. (1980); Bíblias e vidas de santos publicados em HQ (1981); *Chega de enchentes*, gibi assinado por Ziraldo e distribuído nas favelas do RJ (1990); etc. Uma das mais interessantes iniciativas foi a publicação de uma HQ informativa no presídio do Carandiru, em que um personagem negro ou mulato, ex-presidiário e envolvido com a marginalidade e violência, sempre praticava sexo seguro. Foram feitos cerca de cinco títulos, entre eles: *Pé na estrada*, *Rabo de*

saia, A princesa e o poeta e até uma versão em inglês – That's what friends are for.

Considerações finais

Analizando-se, historicamente, o começo oficial das HQ, no mundo e no Brasil, pode-se concluir que houve pouca diferença de tempo entre ambos. Enquanto os quadrinhos surgiam, na Europa, em 1827, apenas dez anos depois (1837), dava-se seu início, no Brasil. Na medida em que personagens eram criados, nos EUA, como Juca e Chico, de Busch (1865), os mesmos passavam a ser reproduzidos, no Brasil, neste caso específico, por Agostini (1867). O primeiro personagem fixo a ser publicado em um meio de comunicação de massa, O Menino Amarelo, em 1895, foi seguido de perto pelos brasileiros que, em 1905, trouxeram Buster Brown (Chiquinho), do mesmo autor do Menino Amarelo – Outcault – para a revista *O Tico-Tico*, em 1905.

Apesar de acompanhar esse desenvolvimento das HQ americanas, o Brasil não possuía criação própria significativa, limitando-se a copiar os quadrinhos estrangeiros. Ainda, uma das principais diferenças entre Brasil e EUA era a existência, neste último, dos *Syndicates*, instituições criadas para regular bem como fomentar a distribuição e comercialização das HQ, o que representou um estímulo importante para a disseminação dos quadrinhos americanos pelo mundo.

Nesse contexto, a escola brasileira vivia o período da Primeira República, em que a leitura tinha por objetivo assimilar a doutrina cristã e os valores morais vigentes. Ainda, era feita em manuais, publicações destinadas ao uso na escola. Assim, a abertura para a entrada das HQ nesse ambiente era nula, uma vez que outros materiais, diversos dos manuais, não eram permitidos, bem como a temática, presente nas HQ, não condizia com os valores religiosos e morais que se desejava propagar. O predomínio do pensamento iluminista, com a valorização de obras ‘cultas’, pode ser entendido como mais um obstáculo para a valorização das HQ, modalidade da cultura popular.

Durante as décadas de 1930 e 1940, no governo Vargas, o Estado autoritário e centralizador abraçou a campanha do nacionalismo, da valorização dos símbolos da pátria, um dos motivos que pode ter representado certa desvalorização dos quadrinhos importados. Esse pensamento perdurou até a década de 1970. No período, houve o

movimento da Escola Nova, que visava a uma modernização do ensino nacional. Foi nessa época que os quadrinhos americanos viveram sua ‘Era de Ouro’. Apesar das tentativas, as novas práticas não foram implementadas, em plenitude, no cotidiano do ensino brasileiro. Em 1949/50, foi lançado um programa analítico que sugeria o uso de procedimentos didáticos que mobilizassem o interesse das crianças, como gravuras, charadas, jornal escolar etc. Embora essa iniciativa demonstrasse uma mudança, na mentalidade escolar, que significaria maior abertura para as HQ, também não se pode afirmar que o programa foi seguido pelos educadores da época. A manutenção do ‘tradicionalismo’, por tanto tempo, na escola, também pode ter atrasado a aceitação das HQ nesse ambiente.

A vanguarda do Brasil nessa área tem como marco principal a I Exposição Internacional de História em Quadrinhos, em 1951, reconhecida, posteriormente, por estudiosos internacionais, como a primeira iniciativa da área. Nessa mesma década, o Brasil viveu um movimento nacionalista, marcado pela luta por produções genuinamente brasileiras. Entretanto, apenas em 1960, surgiu o primeiro personagem com características nacionais, Pererê, o saci de Ziraldo, símbolo do folclore nacional.

Na década de 1960, estudiosos europeus levaram os quadrinhos para a universidade, dando início ao período de revalorização das HQ, após a caça às bruxas das décadas anteriores (1940 e, principalmente, 1950). Surgia o movimento *underground*, de rebeldia contra os *Syndicates*, nos EUA, época marcada pela Guerra do Vietnã e pelo movimento hippie. No Brasil, o movimento de protesto udi-grudi surgiu uma década depois, durante a ditadura militar, lutando contra a repressão e censura.

Nos anos 1970, o Brasil presenciou o desenvolvimento das HQ de Maurício de Sousa, autor de maior expressividade nacional. Na mesma época, tiveram início os estudos de Moacy Cirne, que representaram um movimento positivo de educadores na aceitação e utilização dos quadrinhos na escola e, especialmente, na sala de aula. Assim, as décadas de 1970 e 1980 marcaram o período de valorização dos quadrinhos (enquanto esse movimento aconteceu na Europa e EUA, a partir de 1960) com a fundação do Laboratório de Histórias em Quadrinhos da USP; a inclusão de quadrinhos em livros didáticos; a introdução, proposta pelo prof. Francisco Araújo, de estudos sobre HQ na Universidade de Brasília;

a inserção da editoração em quadrinhos na Escola de Comunicação e Artes de SP (ECA), por Sonia Luyten e Luiz Antonio Cagnin; e a premiação do Brasil em congressos internacionais de *comics*, pelo mundo. A partir daí, houve uma grande produção de gibis com fins educativos diversos (dentro e fora da escola).

Apesar dos avanços, as políticas públicas só começaram a investir no gênero, na década de 1990. A mudança mais significativa veio, em 1996, com a LDB propondo a inserção de outras linguagens no ensino brasileiro e sua oficialização por meio dos PCNs. Ainda, a inserção de HQ no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) pode ter sido o maior avanço do pensamento sobre HQ no universo escolar até o momento (século XXI). Entretanto, uma análise dos quadrinhos escolhidos para o programa demonstra que a maioria ainda se refere à adaptação de clássicos da literatura nacional e estrangeira, não representando um interesse legítimo pelo gênero HQ, mas, sim, tratando-o como um recurso de facilitação do processo de aprendizagem.

Assim, apesar de ter acompanhado o mundo, em seu nascimento, o desenvolvimento das HQ, no Brasil, teve suas particularidades. Não foram encontrados dados sobre a utilização de HQ, nas escolas de ensino fundamental, no mundo. Entretanto, acredita-se que, com a abertura das universidades europeias para o estudo dos quadrinhos, nos anos 1960, o desenvolvimento do gênero na educação, de forma geral, pode ter ocorrido, na mesma época. No Brasil, esse desenvolvimento se deu tardiamente, a partir de 1980, com iniciativas mais significativas nos anos 1990 e 2000.

Referências

AMERICANO encontra valiosa primeira edição de quadrinhos do Super-Homem dentro de parede. Extra, Rio de Janeiro, 24 maio 2013. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/mundo/americano-encontra-valiosa-primeira-edicao-de-quadrinhos-do-super-homem-dentro-de-parede-8487191.html>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

ART déco. Wikipedia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Art_deco>. Acesso em: 11 dez. 2014.

BAHIA, M. A legitimação cultural dos quadrinhos e o Programa Nacional Biblioteca da Escola: uma história inacabada. *Educação*, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 340-351, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/11765/8391>>. Acesso em: 26 fev. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Básica. *Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília, DF, 2006. v. 1. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2013.

_____. Portaria nº 27, de 25 de outubro de 2012. Brasília, DF: FNDE, 2012. Disponível em: <www.fnde.gov.br/fnde/legisacao/portarias/item/3876>. Acesso em: 08 mar. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte* (1ª a 4ª série). Brasília, DF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2013.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: arte* (5ª a 8ª Série). Brasília, DF, 1998a. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2013.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília, DF, 1998b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2013.

CALAZANS, F. *História em quadrinhos na escola*. São Paulo: Paulos, 2004.

CAMPOS, M. F. H.; LOMBOGLIA, R. HQ: uma manifestação de arte. In: LUYTEN, S. M. B. (Org.). *Histórias em Quadrinhos: leitura crítica*. 3. ed. São Paulo: Paulina, 1989. p. 10-17.

CIRNE, M. *Uma introdução política aos quadrinhos*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

CRIS. Fazendo a diferença. Feira de Santana, BA, 10 set. 2009.
Disponível em: <<http://baby-fazendodiferenca.blogspot.com.br/2009/09/revista-tico-tico.html>>.
Acesso em: 17 jun. 2013.

FURLAN, C. HQ e os “Syndicates” Norte-americanos. In: LUYTEN, S. M. B. (Org.). *Histórias em Quadrinhos: leitura crítica*. 3. ed. São Paulo: Paulina, 1989. p. 28-35.

GUIMARÃES, E. *História em quadrinhos como instrumento educacional*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. [Anais...]. Campo Grande, MS: 2001.
INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. [1 tela]. Disponível em:
<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/129151137437781999590570952241469951126.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2014.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil*. 3 ed. São Paulo, 2011. Disponível em:
<http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_IPL.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2014.

KARSWELL. Buster Brown: American favorite children’s shoes. And everything else too. 17 Aug. 2010. Disponível em:
<<http://andeverythingelsetoo.blogspot.com.br/2010/08/buster-brown-goes-to-mars.html>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

LACHTERMACHER, S.; MIGUEL, E. HQ no Brasil: sua história e luta pelo mercado In: LUYTEN, S. M. B. (Org.). *Histórias em Quadrinhos: leitura crítica*. 3. ed. São Paulo: Paulina, 1989.

LISBÔA, L. L. *História em quadrinhos como local de aprendizagem: saberes ambientais e a formação de sujeitos*. 2008. 98 p. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências)-Universidade Federal do Rio Grande Sul, Porto Alegre, 2008.

LUYTEN, S. M. B. Por que uma leitura crítica das histórias em quadrinhos? In: _____. (Org.). *Histórias em Quadrinhos: leitura crítica*. 3. ed. São Paulo: Paulina, 1989. p. 7-9.

MOREIRA, A. S. Cultura midiática e educação infantil. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 24, n. 85, p. 1203-1235, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v24n85/a06v2485>>. Acesso em: 10 ago. 2010.

MOYA, Á. *História da História em Quadrinhos*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

O MENINO Nemo na terra dos sonhos: o coração das trevas. Weepingprincess, n. 83, 12 mar. 2012. Título em inglês: LITTLE Nemo in Slumberland. Publicado originalmente no New York Herald, New York, 05 maio 1907. Disponível em: <<http://weepingprincess.wordpress.com/>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

ROSEMBERG, F. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1984.

SAVIANI, D. O legado educacional do “longo século XX brasileiro”. In: SAVIANI, D. et al. *O Legado Educacional do Século XX no Brasil*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006a. p. 9-58.

_____ et al. *O Legado Educacional do Século XX no Brasil*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006b.

SPACCA. Henfil: o humor de guerrilha. 2013. Disponível em: <<http://www.spacca.com.br/mestres/henfil.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

SRBEK, W. Os 50 anos da Pererê. Mais quadrinhos, 24 out. 2010. Disponível em: <http://maisquadrinhos.blogspot.com.br/2010_10_01_archive>.html. Acesso em: 18 jun. 2013.

SILVA, J. N. HQ nos livros didáticos. In: LUYTEN, S. M. B. (Org.). *Histórias em Quadrinhos: leitura crítica*. 3. ed. São Paulo: Paulina, 1989. p. 59-63.

SOUZA, R. F. Lições da escola primária. In: SAVIANI, D. et al. *O Legado Educacional do Século XX no Brasil*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. p. 109-159.

_____. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no Século XX: ensino primário e secundário no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2008.

VERGUEIRO, W. Ao largo da crise: bons ventos para as histórias em quadrinhos comerciais no Brasil. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF THE LATIN AMERICAN ASSOCIATION, 29., 2010, Toronto, Canada. [Anais...]. Pittsburgh: LASA, 2010. p. 1-20.

WERTAHM, F. *Seduction of the innocent: the influence of comic books on today's youth*. New York, NY: Rinehart & Company, 1954.

YELLOW Kid: a primeira tira em quadrinhos. Tvsinopse, 2013. Disponível em: <<http://www.tvsinopse.kinghost.net/art/y/yellow-kid.htm>>. Acesso em: 11 mar. 2013.

Endereço para correspondência:

Flávia Meneguelli Ribeiro Setubal

Rua Luiz Fernandes Reis, 306/204, Praia da Costa
Vila Velha – ES. CEP: 29101-120
E-mail: flaviamenega@terra.com.br

Moema Lúcia Martins Rebouças

Rua Pedro Daniel, 90/301, Barro Vermelho
Vitória – ES. 29057-600
E-mail: moemareboucas@gmail.com

Submetido em: 13/08/2013

Aprovado em: 07/09/2014

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.
--